

# Edgar Morin, um pensador para o Brasil

Edgard de Assis Carvalho\*

---

## Resumo

O artigo apresenta e discute o pensamento de Edgar Morin, a superação da dicotomia natureza-cultura, razão-mito, a relevância de suas idéias para a sociedade brasileira e a urgência de uma ética complexa que contempla a religação das áreas do conhecimento.

**Palavras-chave:** cultura; complexidade; ética.

## Abstract

The article presents and discusses the thought of Edgar Morin, the overcoming of the dichotomy nature-culture, reason-myth, the importance of his ideas for the Brazilian society and the urgency of a complex ethics which contemplates de re-connection of areas of knowledge.

**Keywords:** culture, complexity, ethics.

---

A Antropologia fundamental de Edgar Morin coloca o homem em seu devido lugar. Marcado por constante auto-organização, o sujeito é simultaneamente biológico e cultural. Admitir esse pressuposto implica assumir a animalidade como marca fundamental de qualquer ser vivo, bactéria, ameba, homem. Autônomo, o sujeito reorganiza o ecossistema que o rodeia, produz saberes, acumula experiências, desilusões, utopias, afetos.

Esse processo não é mais exclusivo de primatas humanos, pois gorilas, orangotangos, chimpanzés, bonobos estabelecem modalidades de convivência ética e refinados padrões sexuais não ligados à procriação, como se a sexualidade fosse feita para regular a violência e o desejo. Se esse estilo fosse consumado pelos humanos, a maior parte dos problemas sexuais seriam melhor equacionados, com mais prazer e menos repressão.

---

\* Professor titular de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.  
E-mail: edgardcarvalho@terra.com.br.

Destituídos de linguagem articulada, primatas não humanos constroem padrões, transmitem códigos de conduta e ética, criam cultura, se radicalizarmos o conjunto de suas performances com esse nome. Talvez ainda não possuam exata consciência da morte, marca distintiva da humanidade. Como nós, nutrem-se de acasos, tensões, contradições, erros.

Com poucas exceções, as ciências humanas resistem a admitir esse fato perturbador. Continuamos antropocêntricos e narcísicos, acreditamos demais em nossa força de criação e destruição. Portadoras de uma tecnosfera comandada por máquinas, robôs e clones, as sociedades humanas, líquidas, produzem uma organização social inautêntica e infeliz, que absolutiza a dominação predatória da natureza, a destruição da ecosfera e amplia o espectro das intolerâncias e cinismos econômicos, políticos, étnicos.

Esses pressupostos constitutivos da complexidade são sistematizados a partir dos anos 60 com as análises da morte, da magia do cinema. Em qualquer filme, essa circulação se atualiza peremptoriamente, como se estivéssemos diante de um operador simbólico que aciona emoções incontidas, medos arcaicos, desejos inconfessáveis, ódios reconhecidos. Fenômeno social total, o cinema, afirma Morin, “quebra o quadro espaço-temporal objetivo do cinematógrafo. Capta os objetos sob ângulos de visão inusitados, submete-os a prodigiosas ampliações, confere-lhes movimentos irreais” (Morin, 1997, p. 144).

A morte é, igualmente, totalidade, pois envolve causas e consequências multidimensionais. Tudo que foi produzido sobre ela a partir do século XIX, acabou por transformá-la em uma noz oca. Idealizada pelo romantismo, niilizada pela ciência, a consciência ocidental acabou por escanteá-la numa solidão irreversível, abandonada à sua própria sorte. A reforma da morte (Morin, 1951) exige que a inevitabilidade da mortalidade e o sonho da imortalidade sejam substituídos pela ambiguidade da amortalidade, condição indeterminada na qual o momento final de qualquer ser vivo não é visto

como exclusão, solidão, abandono, degradação, mas como sintoma de transformação, mutação, metamorfose para outros estados do ser.

O cinema desvenda e desenvolve as estruturas intelectuais da participação e, simultaneamente, as estruturas participativas e dissipativas da inteligência; “tal como a teoria da magia e da afetividade, aclara também a teoria da formação e do desenvolvimento das ideias” (Morin, 1997, p. 210). Exemplar a colaboração de Morin com Jean Rouch na Paris dos anos 1960 (Morin e Rouch, 1961). Com câmera nas mãos, perguntavam a estudantes, operários, imigrantes: Você é feliz? Como você vive? Na qualidade de cinema-verdade, *Crônica de um verão* desvela a alma e a carne do gênero humano. É Antropologia no sentido mais amplo do termo, projeção-identificação, jogo-rito que combina uno e múltiplo, unidade e diversidade, particularidade e universalidade.

As pesquisas sobre os rumores desenvolvidas nos anos 1960 são exemplos de que é possível escutar a sociedade de outra maneira que não seja por meio da análise das representações culturais que grupos e indivíduos fazem de si mesmos. *O rumor de Orléans* (1969) é exemplo disso. Na simpática cidade de Orléans, em maio de 1969, espalha-se o rumor de que seis donas de lojas de roupas femininas estão envolvidas com o tráfico de escravas brancas. Mulheres jovens, belas preferencialmente, que entram em butikues à procura de vestimentas, são sumariamente sequestradas por homens do mal que as levam para lugares ermos. Drogadas e encapuzadas, são forçadas a se prostituir sem nenhuma forma de pagamento. As proprietárias dessas lojas são judias. Além de supostas mentoras do tráfico de prostitutas, colaboram na construção de um canal subterrâneo que desemboca no rio Loire. Transportadas por barcos e até por estranhos submarinos a lugares escusos, essas supostas clientes se entregam a impensáveis rituais orgiásticos.

Naquela então pacata Orléans, não havia nenhum canal subterrâneo, nenhuma mulher havia sido drogada ou sequestrada, nenhuma rede de prostituição montada. A cidade entra em pânico. Geralmente donos de estabelecimentos comerciais, os judeus são

convertidos em bodes expiatórios, vítimas de preconceitos, racismos, exclusões. O imaginário de um rumor infundado havia criado o duplo vínculo entre eu e outro, tolerância e intolerância, bem e mal. A violência mimética se instala e, com ela, o preconceito contra judeus ganha corpo.

No transcorrer dos anos 1970, o projeto de um Método, entendido como estratégia e jamais como um conjunto frio de regras aplicado a objetos inertes, adquire visibilidade com a publicação de *A natureza da natureza* (Morin, 1977). Os cinco volumes subsequentes desse projeto de errância pelos territórios do conhecimento, *A vida da vida*, *O conhecimento do conhecimento*, *As idéias*, *A humanidade da humanidade – a identidade humana*, *Ética* (Morin, 1980, 1986, 1991, 2001, 2004) constituem uma viagem sem ponto de chegada, itinerário transversal por várias áreas do conhecimento, caminho que se faz ao andar, esboço hercúleo de modelizar a complexidade organizacional do humano.

Se algum objetivo deve ser buscado nessa meta ponto de vista, ele se expressa na profunda insatisfação com o paradigma do Ocidente que degenera o saber em concepções mutilantes e fragmentárias, cinde a cultura científica e a cultura das humanidades, descarta os paradoxos do espaço-tempo.

Incapaz de perceber a conjunção uno-múltiplo e realizar a unitas complex, que implica a unidade na complexidade e a complexidade na unidade, a barbárie do pensamento encontra seu berço esplêndido na organização universitária. Produz alta cretinização, dada a dominância tecno-burocrática que invade o principal veículo de criação e recriação do saber; espetaculariza a baixa cretinização presente nos territórios da mídia e na maioria das instituições de fomento à pesquisa extasiadas com o progresso da tecnociência e da fragmentação.

Como a cultura, conceito-armadilha, a complexidade é idéia-problema. Não deve ser identificada a um nihilismo imobilizador ou a uma irracionalidade que joga a razão na lata de lixo da história, mas como um ponto de partida, um fundamento que tece em conjunto, que religa o que está separado. Em decorrência disso, o entrelaçamento

arte-ciência é algo a ser posto em prática, isso por que as ditas artes do imaginação sempre foram revolucionárias. Escritores como Balzac, Dostoiévski, Musil, Machado, Pessoa, Calvino, Duras, esta última grande amiga de Edgar Morin, poetas como Hölderlin, Auden, Whitman, Lorca, Bishop, Plath, Drumond desferiram golpes irreversíveis nas certezas do racionalismo. Em suas narrativas a separação razão-desrazão, real-imaginário não tem vez e nem lugar.

Ao que tudo indica, a consciência moderna deixou de lado a multiplicidade-diversidade contida na interconexão de imagens e materialidades, realidades e idealidades que compõem a pluralidade das esferas da vida. Esgotada pelo pensamento mutilante, precisa repensar-se a si própria, para que a crise dos paradigmas frutifique numa recomposição de todos os saberes planetários. Assumir esse ponto de vista como um projeto implica praticar ciência com consciência (Morin, 1982), cultivar a auto-ética, praticar a sócio-ética, garantir a antropológica.

Impossível estabelecer um receituário das regras do método complexo. Em primeiro lugar, torna-se imperativo superar a matriz sociocêntrica e androcêntrica presente das ditas ciências humanas. Mantê-la é aderir ao imperialismo cognitivo dominante que produz reificações do social, determinações unilaterais, causalidades enregeladas. Se a cisão homem-natureza carece de qualquer fundamento ontológico, os saberes nunca são auto-suficientes. Bases da complexidade, a prática da conectividade e da transversalidade exigem que a razão se abra, o pensamento se reforme, a criatividade se desencadeie, o medo do erro se extinga, a revolta de explicita, a auto-ética contamine o eu e o outro.

Um teoria complexa dos sistemas bioculturais deve ser entendida nesse timbre. A noção de sistema não se reduz aqui a uma superposição de partes, na medida em que sua totalidade nunca se identifica a uma mera somatória de partes, e isso porque imprevisibilidades, instabilidades e bifurcações impedem que isso ocorra. O fechamento de um sistema é algo impensável no pensamento

complexo. O sistema aberto é sempre uma unidade ambivalente, instável, indeterminada, na qual parte e todo por vezes se associam, por outras não. Embrenhado no tetragrama ordem-desordem-interação-organização, o próprio sistema se auto-organiza, produz causas que produzem efeitos que produzem causas, inintencionalidades que se escondem por trás de intencionalidades planejadas, mitologias que se imiscuem com realidades concretas, lembranças indelévels, memórias recalçadas.

Acredito ser essa a pulsão desejante que identifica a totalidade da obra de Edgar Morin e concretiza as chamadas reorganizações genéticas de seu pensamento. A princípio, e sempre com as devidas cautelas que devem cercar transposições conceituais de um domínio do outro, as contribuições advindas das teorias dos sistemas, da informação e da cibernética são incorporadas como fundamentais. A informação não se reduz a um rede na qual emissores e receptores trocam mensagens estatísticas advindas de canais específicos; é também memória voluntária e involuntária, estocagem, tradição. Ainda é cedo para se construir agendas para o futuro que tomam como base a irreversibilidade das novas tecnologias da informação, das mídias-esferas, das infovias, da eventual espiritualidade das máquinas artificiais, das simulações, dos ciberespaços, das clonagens humanas e, desse modo, passar a considerar essa parafernália tecno-industrial como capaz de mimetizar o humano e dar nascimento ao pós-humano que prescinde de amor, poesia e sabedoria.

Os fundamentos da complexidade impõem a rejeição de qualquer tipo de teleologia sobre os destinos do mundo. Mesmo com a internet que democratiza e dissemina noosferas para todo o planeta, ainda é apressado, otimista demais, prever se esses sistemas virtuais, que estão em todos os lugares e em nenhum lugar, substituirão a territorialidade dos estados-nações, o toque dos afetos, o olho-no-olho dos diálogos. O destino do sapiens-demens é obra aberta, rio majestoso como Morin considera, simultaneamente sereno e tempestuoso. A reorganização e a religação dos saberes são sempre biodegradáveis, redefinem-se a todo

momento, fundam-se na dialogia, na recursividade e no holograma, operadores cognitivos a serem acionados em qualquer pesquisa, ensaio, tese, conferência.

O desafio está posto. Ele parece sinalizar a necessidade de civilizar as ideias, para que seja possível reorganizar o processo de conhecimento, dar novo sentido à tríade indivíduo-sociedade-espécie e, finalmente, perceber que sociedade, cultura, cerebralização são verso e reverso do processo da humanização. A co-presença das múltiplas expressões do imaginário e do real, da subjetividade e da objetividade, da razão e da desrazão dão corpo e sintonia às diversificações complexas de um processo histórico que, há milhões de anos, nada mais faz do que explicitar a unidualidade do sapiens-demens.

Situado nesse entre-dois, o homem expressa não apenas a trajetória da desordem sapiencial, mas a dialogia e a recursividade entre o rígido e o transitório, o substantivo e o transcendente, a ordem e o ruído, a repetição e a criatividade. Nesse oceano tormentoso, o *sapiens sapiens demens* equilibra-se de modo instável, confrontado com desastres irremediáveis e horrores de toda ordem, inundado por fluxos de insignificância que atravessam o cotidiano, saturado de formatos pré-estabelecidos pela biopolítica dominante.

Intelectuais não costumam falar de si. Escondem suas identidades e duplos, tendo como álibi a assepsia de conceitos, teorias e métodos. Na maioria das vezes, diários, cartas, rascunhos são sempre disponibilizados após a morte, o que de certa forma propicia um certo grau de intocabilidade na personalidade comumente controvertida e contraditória de pensadores, sejam eles cientistas, romancistas ou poetas. Alguns poucos momentos da trajetória de Edgar podem ajudar a aclarar as reorganizações genéticas com as quais se deparou. Seleciono dois que considero paradigmáticos. No *Diário da Califórnia* (Morin, 1970) exhibe a curiosidade do estrangeiro que quer saber de tudo para, talvez, retornar a si mesmo de modo menos narcísico.

Esse parece ser o maior fruto das viagens, quaisquer que sejam elas. Despregar-se dos lugares intocáveis da casa original, desapegar-se

dos objetos sacralizados da casa, dos livros que jazem nas estantes são as alavancas do descentramento psíquico e do desenraizamento subjetivo necessários para pensar sobre si mesmo e os outros e refletir sobre a unidualidade sapiencial. Se reflexos no pensamento não podem ser determinados por viagens, não resta dúvida que elas produzem reorganizações genéticas como Morin denomina esse conjunto de mutações que reorienta a existência, redefine os afetos e amplia a sabedoria.

No *Diário da China* (Morin, 1992), publicado no Brasil em 2008, as utopias de um socialismo redentor se esvaem, como que contaminadas pelo espírito do tempo. Diante da mais antiga civilização do mundo, as brechas se petrificaram. A China havia sido objeto de um número especial da revista *Arguments*, editada com Cornelius Castoriadis e Claude Lefort, dedicado ao “grande timoneiro” Mao e seus propósitos revolucionários. Com esses dois fiéis companheiros, publicou *Mai de 68-a brecha* (Morin, Lefort e Castoriadis, 1968), um diagnóstico sobre as ‘barricadas do desejo’, cujos ecos repercutiram por aqui num Brasil ditatorial que vivia sob a tortura e a inumanidade.

Como um antropólogo em Marte, condoído no avião que o conduzia de Paris a Pequim pela morte do amigo Félix Guattari, não familiarizado com as dificuldades linguísticas e sentidos que o cotidiano sempre oculta, é nas significações das fisionomias, dos odores, sabores, vestimentas, olhares, maneiras da mesa, estilos de comportamento que a análise da alteridade e da diferença ganha corpo. Os chineses – adverte Morin – modernizam-se vertiginosamente e crêem nisso sem restrições. O que não sabem é que – assim como nós – encontram-se inseridos na aventura incerta, universal, damocleana comum a todos.

Alertas como esse são sempre incisivos nesses sombrios tempos de barbárie e mal-estar. É urgente propor uma política de civilização que reconheça não apenas os valores das sociedades ocidentais, mas também as virtudes das outras sociedades ditas periféricas. Os desafios que o século XXI apresenta ao Oriente e ao Ocidente requerem a construção de uma cidadania mundial. Para isso, torna-se prioritário



regenerar as cidadanias locais e gerar uma cidadania mundial que religue as várias terras natais à Terra-Pátria, ensaio escrito em 1993.

Se a reforma da moral e da ética prevalecerem sobre a ganância da economia e a incapacidade da política, a regeneração civilizatória pode recalcar a barbárie de um vez por todas. A regeneração da Terra-Pátria não prega, porém, a extinção do estado-nação, mas uma ecologia ética que insere estados-nações em redes transnacionais mais vastas e inclusivas, para que o direito de ingerência sobre indivíduos, etnias, classes, gêneros deixe de ser prerrogativa local de um governo, de um estado, de um partido.

A universalidade de valores cosmopolitas nunca é obtida pela soma ou subtração de interesses particulares, mas pela multiplicação das pulsões planetárias guiadas pelas quatro formatos da consciência: a antropológica, baseada na unidualidade do *sapiens-demens*, a telúrica, ilustrada pela indeterminação do sistema Terra, a ecológica, substantivada pelo caráter auto-eco-organizador da biosfera e, finalmente a consciência cosmológica que recoloca o planeta numa pluralidade de estrelas e galáxias. A esses quatro caminhos, adionar-se-iam as tomadas de consciência da ameaça damoclena, da perdição e do destino terrestres, recicladas pelo retorno do homem genérico só que dessa vez saturado de subjetividade, afetividade, amor, desregramento.

A adesão a esses pressupostos advém de todos os horizontes do pensamento, sejam eles científicos, religiosos, literários, místicos, míticos, poéticos, orientais, ocidentais. Não se trata de uma adesão pura e simples. Precisamos nos armar de “uma ardente paciência. Não estamos próximos da luta final, mas na luta inicial” (Morin, 1993, p. 217). Por isso, a reforma da educação exige intelectuais imbuídos na construção de uma ética de valores universais que contradiz relativismos e particularismos esclerosados, bate de frente na tecnoburocracia instalada no aparato científico.

Auto-crítica permanente, auto-ética cotidiana, reorganização genética permanente, espírito livre e autônomo, subjetividade múltipla, êxtase amoroso, meditação sobre caminhos e descaminhos do sujeito,

livre curso aos fluxos desejantes são propulsores desse meta ponto de vista. A educação não pode ser caudatária de um sistema tecnoburocrático que se empenha apenas em avaliar, criar índices de produtividade, classificações, formatos disciplinares. Educar é pôr a criatividade em ação diante dos desafios que novos saberes produzem por toda parte.

A tarefa não se esgota por aí. É preciso caminhar por lugares reais – cidades sitiadas, universidades sucateadas, mundanidades escusas, sexualidades recalçadas – para que os dilemas sociais se mostrem como verdadeiramente são, mesmo que essa missão seja penosa, custosa, por vezes, desestimulante. Encontramo-nos imprensados numa luta titânica entre forças dissociativas e associativas. Pequenos ensaios recentes têm procurado dar conta disso. Dentre eles, destaca-se *O mundo moderno e a questão judaica* (Morin, 2006). O texto expõe as garras da intolerância cultural. Em junho de 2002, em conjunto com Daniele Sallenave e Sami Naïr, o *Le Monde* publica o artigo *Israel-Palestina: o câncer*. A associação *Advogados sem fronteiras* acusa os autores de apologia do anti-semitismo e apologia do terrorismo. Condenados em primeira instância, acabam absolvidos em julho de 2006 e a sentença obriga os acusadores ao pagamento de multa, cujo valor simbólica não condiz com a vilania das acusações. O fato em si exige de Edgar Morin mais um ajuste de contas consigo mesmo, um judeu marrano que sofreu na pele os efeitos da intolerância histórica e da incompreensão que grassa entre as culturas do mundo.

Mais que isso, o ensaio deixa claro que nosso destino planetário se debate entre dois modelos antagônicos de existência social, um instituído, marcado pelo poder político escuso, que espalha o mal-estar e pratica o bem-estar apenas para si mesmo, outro instituinte, que aciona fluxos de desejo advindos da porosidade da sociedade civil, como se fossem epifanias que advogam a sustentabilidade, a ética, a regeneração, a solidariedade. Apostar no segundo é o maior desafio que a complexidade tem pela frente, o que impõe o diálogo com outros estilos de pensamento e formas de ver o mundo. Não se trata de um

empreendimento salvacionista, mas de um horizonte ético realista que recoloca a universalidade do humano como prioridade máxima.

A presença de Edgar Morin no Brasil é constante, estimulante, desafiadora, mesmo que a Universidade não preste a devida atenção a suas ideias. Núcleos do pensamento complexo disseminam-se por todo o Brasil, cada um com suas peculiaridades, mas todos sintonizados com os propósitos de uma ciência aberta e transdisciplinar. Homenagens, títulos de honoris-causa são expressão do reconhecimento da obra e do homem.

Três homenagens recentes marcaram minha vida: a primeira, por ocasião de seus 80 anos, no plenário da Unesco, em Paris, em julho de 2001. Em minha saudação, exortei a importância de seu pensamento e a ressonância de suas obras por aqui nos tristes trópicos, em especial na PUC de São Paulo.

A segunda homenagem, também em Paris, em julho de 2006, na *Maison de l'Amérique Latine*, em seus 85 anos, cercada de amigos de toda parte do mundo, contou com o apoio da Multiversidade do mundo real, em Hermosillo, México, um projeto de ensino e pesquisa ainda não concretizado.

Finalmente a terceira ocorrida na PUC de São Paulo em 6 de novembro de 2008. Era mais que necessário que a Universidade lhe outorgasse o título de honoris-causa. Na qualidade de proponente do título, coube a mim a saudação inicial. No teatro, com ausência de grande parte de professores e presença maciça de alunos e amigos, procurei ser breve e conciso. Dominado pela emoção, encerrei meu discurso afirmando o seguinte: “Tenho a convicção de que a PUC de São Paulo, palco de tantas lutas, esperanças e decepções se engrandece com o título agora outorgado a você. Sairemos todos daqui mais sintonizados com a ética da compreensão que você tanto valoriza, apostando na universalidade da cultura e na unidade do humano” (Carvalho, 2008). Igualmente emocionado, Edgar Morin agradeceu à Universidade. Ao encerrar seu agradecimento confessou que, aos 87 anos, considera-se ainda um aprendiz, um caminhante sem caminho, palavras do poeta

espanhol Antonio Machado a quem ele tanto admira e que expressam os múltiplos itinerários e desafios que o pensamento complexo ainda terá de enfrentar.

## Referências bibliográficas

Carvalho, E. de A. (2008). Discurso de saudação a Edgar Morin na cerimônia de concessão do título de honoris-causa, outorgado pela PUC de São Paulo (mimeo).

MORIN, E. (1951). *L'homme et la mort*. Paris, Corra.

\_\_\_\_\_ (1956). *Le cinéma ou l'homme imaginaire*. Paris, Minuit. Edição portuguesa: O cinema ou o homem imaginário. Ensaio de Antropologia. Tradução Antônio-Pedro Vasconcelos. Lisboa, Relógio d'água, 1997.

\_\_\_\_\_ (1968) (em colaboração com Claude Lefort e Cornelius Castoriadis). *Mai 68: la brèche*. Paris, Fayard.

\_\_\_\_\_ (1969). *La rumeur d'Orléans*. Paris, Seuil.

\_\_\_\_\_ (1970). *Journal de Californie*, Paris, Seuil.

\_\_\_\_\_ (1977). *La méthode I. La nature de la nature*. Paris, Seuil.

\_\_\_\_\_ (1980). *La méthode II. La vie de la vie*. Paris, Seuil.

\_\_\_\_\_ (1986). *La méthode III. La connaissance de la connaissance*. Paris, Seuil.

\_\_\_\_\_ (1993) (com a colaboração de Anne-Brigitte Kern). *Terre-Patrie*. Paris, Seuil.

\_\_\_\_\_ (1995). *La méthode IV. Les idées. Leur habitat, leur vie, leurs moeurs, leur organisation*. Paris, Seuil.

\_\_\_\_\_ (2001). *La méthode V. L'humanité de l'humanité. L'identité humaine*. Paris, Seuil.

\_\_\_\_\_ (2006). *Le monde moderne et la question juive*. Paris, Seuil. Edição brasileira: O mundo moderno e a questão judaica. Tradução Nícia Adan Bonatti, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_ (2007). *Journal de Chine* (mimeo). Edição brasileira: Diário da China. Tradução Edgard de Assis Carvalho. Porto Alegre, Sulina.

MORIN, E. e ROUCH, J. (1961). *Chronique d'un été*. Paris, Argos Films (DVD Video Filmes, Crônica de um verão. Comentários de Eduardo Escorel, Eduardo Coutinho e Carlos Alberto Mattos, 85 min. São Paulo, 2007).